

O DESEJO DO PSICANALISTA NA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE: A TAREFA DE OPORTUNIZAR CONTINGÊNCIAS

Augusto Coaracy

Psicanalista em formação no Fórum do Campo Lacaniano – São Paulo. Atua como trabalhador no Sistema Único de Saúde, no programa Núcleo de Apoio à Saúde da Família.

Mestrando no núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade da PUC-SP, pesquisando psicanálise e SUS.

E-mail: augustocoaracy@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta proposições a respeito do conceito “desejo do psicanalista”, com vistas a circunscrevê-lo na prática institucional em saúde. O objetivo é ver como a presença desse conceito, cujo aparecimento é articulado como *semblant*, possibilita a operação de funções típicas da psicanálise em ambientes institucionais. Enfatiza-se o trabalho com a contingência e a construção de S1. O debate é realizado em torno da dialética da alienação e separação, utilizada para apreciar o método de Sócrates, no Seminário VIII. O desejo do psicanalista se faz função, pois é mostrado, a partir de um véu, o que pode ser transposto na prática institucional em saúde, por meio da tese de Oury, com a articulação entre o semblante e o ambiente institucional. No caso da instituição de saúde, especificamos suas correlações com o discurso do capitalista e o discurso universitário.

Palavras-chave: instituição; contingência; semblante; desejo; saúde.

Abstract: This article brings propositions about the concept of “psychoanalyst’s wish”, in order to circumscribe it in a health institution practice. The goal is seeing how the presence of such a concept, whose emergence is linked as a visage, enables the operation of functions inherent to psychoanalysis in institutional environments. Working with contingency and the construction of S1 are highlighted. The debate develops around the dialectics of alienation and separation, used to enjoy Socrates’ method, in the Seminar VIII. The psychoanalyst’s wish turns into a function, since it shows, through a veil, what may be put into the health institutional practice, by means of Oury’s thesis, linking the visage and the institutional environment. In the case of a health institution, its correlations with the capitalist’s discourse and the university discourse are highlighted.

Keywords: institution; contingency; visage; wish; health.

A função do desejo velado de Sócrates

Trabalharemos com o operador lacaniano chamado “desejo do psicanalista”. Tratá-lo como operador é não se prestar a buscar uma essência em sua conceituação, mas antes tê-lo como engendrado à prática de uma psicanálise. Vale esclarecer logo de início que não se trata do desejo de ser um analista, nem tampouco algo análogo a uma compreensão ruim do conteúdo latente na interpretação dos sonhos freudiana, como se houvesse um significado total e oculto ou uma verdade que estivessem aguardando um habilidoso “desvelamento”, e esse desejo serviria como uma espécie de atributo especial de um psicanalista. Bem do contrário, o fato de que há um véu atrelado ao desejo é parte fundamental da posição psicanalítica, funcionando em uma dialética do aparentar e esconder. A ênfase na forma e no *como* em que se faz possível conjugar “uma verdade sobre o desejo” ajuda a compreender o que faz da psicanálise uma descoberta, pois o velado e o ininteligível dizem de uma condição lógica para o funcionamento do inconsciente.

Para percorrer o conceito de desejo do psicanalista, é válido lembrar das formulações no seminário VIII de Lacan (1960-1961) sobre a transferência e ligá-las às elaborações posteriores sobre alienação e separação (RABINOVICH, 1999), principalmente no que toca a causação do desejo e a fenomenologia de sua aparência/forma. Faremos um movimento retroativo a partir da dialética alienação/separação até a simulação e a fealdade do sileno junto a outros elementos do método socrático.

No jogo da alienação e separação, é possível depreender que o desejo do Outro só pode dar lugar ao desejo de desejo, típico da metonímia significativa, se houver intersecção entre alienação e separação. Dessa forma, partiremos da compreensão de que alienação e separação são momentos distintos, mas entrelaçados cada qual em uma temporalidade própria, percorridos em particular diacronia e sincronia, ou seja, sem a pretensão de tratá-los como acontecimentos circunscritos e fechados em si. De toda forma, temos que, da conjunção dos dois, um efeito é o sujeito barrado.

Em um dos momentos, há alienação na demanda de ser reconhecido pelo Outro, sendo o sujeito um objeto falado, e não propriamente um falasser, embora já pertencente a um nome e a uma posição que lhe são dados. A falta engendradora na operação de alienação tem efeito de sujeito, mas mantido ainda inarticulado na medida em que o S1 não opera em uma lógica de sentido. Tomando isso, vemos que, no momento de alienação no desejo do Outro, abre-se o campo da vida, por marcar a possibilidade

de ontologia do ser falante, embora ainda não totalmente engendrado no mal-estar inerente ao pensamento e à cultura. Rabinovich indica que “a sincronia significativa que esse movimento primeiro acarreta culmina no *fading* ‘constituente de sua identificação’, que se articula em uma temporalidade regida pela pulsação, que oscila entre petrificação e *fading*”¹ (1999, p. 108).

Em outra temporalidade, partindo de que o desejo do Outro se perfaz nos hiatos da voz, do olhar, dentre outros elementos que podem se consistir como objetos, há a particular torção topológica e fantasmática que é oriunda do momento da separação, graças ao enodamento borromeano do Real e Imaginário ao Simbólico. Nesse momento que se é possível colocar algum furo na consistência do desejo do Outro, tendo-o como objeto. Abre-se aí a lógica do sentido, mas há uma perda inextrincável, posto que o intervalo S1- S2, embora dotado de sentido, não cessa de não se escrever (LACAN, 1973-1974/[s.d.]). O sujeito não é mais, portanto, o um ou o objeto exclusivo do desejo do Outro, e o significante S2 assinala o local de uma perda (RABINOVICH, 1999), mas que faz possível a construção de uma inteligibilidade do pensamento e do agenciamento do gozo em laços sociais (LACAN, 1969-1970/2007).

A conjunção entre separação e alienação tem como *efeito* tanto o sujeito barrado como o objeto *a*, que são resultantes do processo. No entanto, nisso há um paradoxo: “O objeto não é outro senão o sujeito, $\$$ e *a* são o sujeito, ainda que o *a* se apresente sob a máscara enganadora da causa final, como objeto do desejo”². (RABINOVICH, 1999, p.125). Se há possibilidade de dizer de alguma equivalência entre sujeito barrado e objeto *a* no processo de alienação e separação, por que tipicamente é dito que o sujeito é efeito constante na repetição do intervalo S1-S2 e o objeto *a* é causa de desejo? Embora entrelaçados e condicionados um ao outro no processo da constituição subjetiva, o efeito-sujeito e a causa-objeto diferenciam-se por darem notícias de momentos distintos mesmo que, segundo Lacan, causa e efeito são “avatares da falta” (LACAN, 1960 apud RABINOVICH, 1999, p. 111).

1 “La sincronía significativa que este movimiento primero entraña, culmina en el *fading* ‘constituyente de su indentificación’, que se articula en una temporalidad en la que rige la pulsación, que oscila entre petrificación y *fading*”.

2 “El objeto no es otro que el sujeto, $\$$ y *a* son el sujeto, aunque el *a* se presente bajo la máscara engañosa de la causa final como objeto del deseo”

A psicanálise trabalha justamente com a retroação do efeito para a causa, indo da demanda de reconhecimento ao desejo de desejo pela via da ética, isso é justo por ter o valor de inteligibilidade do significante na particular temporalidade retroativa de seus efeitos. Causa do desejo e efeito de sujeito são modos de conjunção ao lidar com as faltas que comparecem em cada momento da alienação e da separação. O claro exemplo disso é o valor *contingencial* do trauma como causa, cuja construção na associação livre trata da sobredeterminação *a posteriori* dos efeitos de uma fala. O efeito *a posteriori* que circunscreve as articulações no RSI em torno de uma causa é o *só depois*, cuja temporalidade é análoga ao efeito de sentido que só é possível na retroação de uma frase (LACAN, 1966-1998). Efeito e causa são momentos díspares e enodados na temporalidade do significante, tangendo ora o *fading* do sujeito, ora o véu do objeto *a* (RABINOVICH, 1999).

No discurso do psicanalista, o S1 é concebido como produto no local do mais-de-gozar (LACAN, 1969-1970/2007). Tal produto só é possível mediante o trabalho, conduzido por um psicanalista, de fazer *semblant* de *objeto a*, cuja formulação clássica é “fazer semblant de causa de desejo”. É no sustento disso que comparece o operador “desejo do psicanalista”, que pode ser bem exemplificado ao se retomar o expediente de Sócrates, conforme discutido no seminário VIII.

Ao logo desse seminário, percorrendo o Banquete de Platão, Lacan (1960-1961) aprecia o particular desenrolar de uma transferência, protagonizada por Alcebiades e Sócrates, mas não sem os outros personagens que compõem a cena. A forma de sileno, cuja aparência é feia, e a fama de simulado não retiram o prestígio de Sócrates no banquete; bem do contrário, nos jogos amorosos que lá comparecem, o que ele faz é provocar Alcibiades por meio de sua autoproclamada ignorância. Eis uma primeira aproximação do que seria o desejo do psicanalista: qual a função do desejo do filósofo nessa operação, visto que ele sustenta sua ironia sem ter um objetivo evidente e expresso, como seria um ideal de Bem ou de Belo? Qual seria o desejo de Sócrates, ou, pelo menos, qual seria sua função nesse Banquete?

Pela via indireta ou irônica, no posicionar-se como ignorante, e mesmo pelas simulações e a feiura que lhe são características, Sócrates põe em cena um tesouro impossível de se ver – o objeto agalma, correlato ao mistério que paira sobre sua motivação pessoal, e que exerce alguma função entre os interlocutores. Estando *atopos* nessa festa, zombando quando possível e pertinente, aspectos do amor e do desejo começam a ser falados, sendo que, agora, cada falante responsabiliza-se pelo que diz.

Eis que o fingimento e a aparência do filósofo não mais se separam de sua forma de agir – Sócrates causa a fala dos outros na festa, além de trazer às claras a cena amorosa que lá permeia. O porquê pelo qual Sócrates deseja realizar essa operação é um enigma e é o que Lacan tem como um esboço para o conceito de desejo do psicanalista.

Retomando um aspecto da operação de separação, ressaltamos que seu movimento se diferencia da alienação porque há um hiato no desejo do Outro. A douta ignorância de Sócrates é interpretada por Lacan como uma *forma* ou *uma aparência* dessa hiância, e, conforme Rabinovich (1999) indica, sustentar essa aparência é um responsabilidade para o ato de um psicanalista.

Deixar o campo do desejo vazio, prestar-se a ser o morto numa transferência, causar a fala que constitui uma cena velada e emular a hiância no campo do desejo do Outro, fazendo disso *imago*, são condições de possibilidade para permitir a construção do objeto *a* numa transferência. Como não há comensurabilidade nos objetos para os quais o desejo pode se endereçar, posto que o desejo é desejo de desejo, a imagem e o *semblant* são vias operatórias e éticas com as quais o psicanalista pode atuar no sentido de oportunizar contingências para a construção/aparição de S1. *Fingir esquecer-se* disso é assumir o desejo do psicanalista enquanto operador (ibid.).

Mais além do movimento de separação, a contingência que perfaz a construção do objeto *a* é solidária ao sem-sentido. É nesse sem-sentido, oriundo do manejo do significante e das temporalidades da separação/alienação, que a “pouca liberdade” indicada por Lacan se faz operar, temporalmente circunscritas na finitude de uma contingência.

O fingir esquecer-se desse processo de causação do desejo e da pungência da imagem é obra de uma psicanálise em intensão. O desejo do psicanalista seria o autorizar-se que diz dos efeitos de uma psicanálise, o que permite de antemão que a psicanálise em extensão seja possível. Marca, pois, que a extensão de uma psicanálise, seja lá qual for seu cenário, articula o *savoir faire* típico dessa posição com relação ao desejo, ou seja, que é enlaçado borromeamente em um mostrar e esconder de uma verdade não-toda, dizível no só depois (LACAN, 1973-1974/[s.d.]). O fingir esquecer-se do desejo do psicanalista é uma forma de velamento com que a ética psicanalítica se transforma em ato e semblante, oportunizando encontros com o contingencial. “O psicanalista ‘finge esquecer’ que seu ato é causa”³ (RABINOVICH, 1999, p. 34).

3 “El psicoanalista ‘finge olvidar’ que su acto es causa”.

Semblante e ambiente

Em termos do trabalho realizado por um psicanalista em instituições, especialmente no campo da saúde, o autorizar do desejo do psicanalista em forma operatória é um particular desafio. Partimos da tese de Rinaldi (2008-2002) de que o discurso do analista em instituição é marcado sempre que se exerce uma volta nos discursos. Para articularmos essa tese com os desafios inerentes à psicanálise em instituições de saúde, começamos com breves apontamentos sobre o discurso universitário junto a considerações sobre a instituição no capitalismo atual. Depois abordamos Oury e sua particular articulação entre o semblante do discurso do psicanalista e o ambiente institucional.

Conforme indica a pesquisa de Rinaldi (2008-2002), há hegemonia da figura do médico nas lógicas de poder da instituição de saúde em que ela pesquisa, e o trabalho realizado pelo psicanalista corre o risco de ser um simples suplemento, trabalhando com aquilo que o médico “não dá conta”. O risco que oferece a prevalência de certo tipo de discurso médico é sua típica proximidade com o agenciamento de gozo do discurso universitário. Consideramos que nem todo discurso médico é assim, ou seja, não nos é interessante generalizar. Assim, o que se aplica ao médico na pesquisa de Rinaldi pode ser aplicado a qualquer figura profissional ou lógica de poder que cumpra a função de fixar um tipo de discurso na instituição.

Conforme sua pesquisa indica, no discurso universitário podemos compreender o S2 na posição de agente do discurso como exercício de poder que advém da tirania do tudo-saber, denominada por sobre uma verdade instaurada que não considera o sujeito (LACAN, 1969-1970/2007).

Outro aspecto temerário do discurso universitário prevalente na instituição de saúde é que a aparente equivalência entre os saberes, também marcada pelo S2 no lugar do semblante/agente, não chega a introduzir uma dialética na ordem de poder instituída. Essa construção possui afinidade com a concepção lacaniana de que o discurso universitário é uma figura do mestre moderno (ibid.).

Ainda tratando do discurso universitário, é possível considerar que a suposta equivalência dos saberes, marcada pelo S2 no agente do discurso universitário, se estabelece denominada pelo S1 na posição de verdade, cuja função é preservar e reproduzir

a ordem estabelecida (RINALDI, 2008-2002). O local algébrico da verdade ocupado pelo S1 marca, por sua vez, a impotência no estabelecimento de relação com o sujeito barrado (\$), colocado no lugar do mais-de-gozar.

Diante disso, é curioso notar que as equipes de saúde são preconizadas, pelo menos no caso dos textos e das leis do SUS (BRASIL, 1990, 2011), a trabalharem de forma horizontalizada em suas lógicas de poder. Há evidente contraste no que dizem as leis e as ideias do SUS com o discurso universitário encarnado nas práticas de saúde, conforme nos indicou Rinaldi (2008-2002). Posto isso, é importante averiguar as correlações possíveis com a seguinte tese, discutida como o aspecto “perverso” do neoliberalismo, segundo o *discurso do capitalista* em Lacan (PACHECO FILHO, 2005): há a construção social de um imaginário globalizante e do compartilhamento de uma fantasia ubíqua de bem-estar absoluto e de preenchimento da incompletude da existência pela oferta de um consumo irrestrito de bens materiais e ideais.

Diante das correlações que se exibem nesse assunto, podemos nos perguntar se o que é judicializado e teorizado como horizontalização dos saberes no trabalho em equipe do SUS também não comparece como a neoliberal forma de encenação da distribuição equitativa nos processos decisórios, à medida que esconde suas contradições e exclusões basilares (ibid.). Claro, não se trata de desdenhar a conquista que corresponde à proposta de horizontalização de poder e de gestão no SUS, mas questionar-se qual função exerce o trabalho ideológico de encobrimento, típico do modo do discurso capitalista, nas lógicas institucionais e no próprio desejo do psicanalista.

A suposta horizontalização de saberes que se dá em meios institucionais agenciados pelo discurso universitário e pelo discurso capitalista reforça a tese de Rinaldi (2008-2002) da equivalência dos saberes enquanto sustento da ordem e do *status quo*, ainda mais por tratar cada saber como uma especialidade a ser ofertada como produto ou mercadoria. A forma de ingresso de um psicanalista numa equipe de trabalho em saúde se dá, portanto, sob o signo desse ser uma especialidade qualquer, geralmente um psicólogo, o que é algo a ser considerado nas táticas e estratégias de sustento do desejo do psicanalista em uma instituição de saúde.

É certo que não cabe à ética de uma psicanálise se comprazer com o signo de especialidade, mas, haja vista o que consideramos a respeito do trabalho com semblante e com a contingência, ainda mais lembrando da ironia socrática, até a aparência de especialidade pode servir como uma imagem que enseje um giro ao avesso do discurso em voga, mas somente se servir às transferências postas em jogo. Com isso, podemos

lembrar que o trabalho entrelaçando a contingência e o semblante é tido por Oury (1985-2009), no acaso dos encontros dentro de um coletivo, como uma eficaz forma de produção de S1.

Segundo esse autor, é possível aproximar a noção de *ambiente* com o conceito lacaniano de semblante. Levantemos algumas premissas dessa articulação no trabalho teórico e prático de Oury com o coletivo La Borde (1985-2009). Em seu texto, temos que a manutenção de um nível instituinte no trabalho com um coletivo é tarefa para o discurso do psicanalista, marcado notadamente pelo semblante de objeto *a* na função de causar desejo.

Tal tarefa só é possível se habitar na instituição um *quantum* suficiente de transferências, isto é, com psicanalistas exercendo uma função na instituição. Manter e manejar as transferências em nível institucional é condição e desafio para a chamada função de decisão entre os participantes do coletivo, não só psicanalistas, e suportar a manutenção de sujeitos, sem obliterá-los, é a única forma para que permaneça um nível instituinte no coletivo. O efeito de uma tarefa dessas seria a mobilidade de significantes, ou, como ele intitula, uma tablatura de significantes que permeia o dia a dia institucional, e a mencionada função de decisão contingencialmente poderia ter a forma de uma interpretação. O produto disso seriam diversificados “S1”.

Dessa forma, com a ligação entre seu conceito de ambiente com o conceito de semblante lacaniano, teríamos a *textura* de um discurso psicanalítico permeando a instituição. O semblante é marcado por ser a maneira de meio-dizer a verdade sobre um gozo, seja esse o gozo das lógicas de poder institucionais. Semblante, então, associa-se ao nível do “*pathos*” e da textura desse ambiente institucional, que oportunizaria o contingente. Essa textura seria uma estratégia para o oportuno aparecimento de S1, que também seria instituído pela função de decisão do coletivo, pois escolheria um significante S1 entre outros uns (OURY, 1985-2009).

Essa textura ou *pathos* de discurso analítico pode dar certo se houver um certo número de pessoas implicadas na ética psicanalítica, pois, caso contrário, se poucos sustentarem essa ética, ou serão expulsos ou “levarão uma vida muito dura” – não que Oury tenha o ingênuo ideal de que todos sejam psicanalistas.

Atendida essa condição, o trabalho com o semblante institucional faria dessa instituição um vasto *campo aleatório*, isto é, em que os mais diversos elementos institucionais, sejam os psicanalistas ou não, serviriam de interpretação para as diversas subjetividades que lá frequentam. Segundo ele, “A interpretação, não é uma vociferação

ou um comentário durante uma sessão, é muito mais o que é desencadeado de uma sessão a outra em um campo que pode ser chamado *campo aleatório*, no qual o acaso está em questão” (ibid., p. 237).

Essa forma de conceber a interpretação em uma instituição por Oury é solidária ao que foi previamente articulado como o contingencial, sendo, pois, o que permite o aparecimento do sem-sentido enquanto “alguma liberdade” com relação ao desejo do Outro, ou mesmo o contingencial como o tropeço numa associação livre, que enseja a produção de S1. Vemos nisso uma possível articulação com a tese de Rinaldi em que o trabalho da psicanálise em uma instituição é possível sempre que se realiza algum giro de discurso, tendo neles diferentes aparelhos de poder (RINALDI, 2008-2002).

No instituir do laço social que é agenciado pelo discurso do psicanalista, temos um gozo e um agente/semblante específicos. Acaso se estivessem todos em uma instituição permeados por esse discurso, teríamos a ocasião de um *locus* absolutamente instituinte e advertido dos próprios desejos? Rabinovich (1999), justo por reconhecer de antemão o caráter subversivo da formulação freudiana, diz que ter nisso um *way of life*, ainda que não seja *american*, é um risco de perder a ética do um a um que condiz ao trabalho com transferência.

De certo, não há fórmula para o sustento do desejo do psicanalista numa instituição, tanto como não há uma essência desse desejo. Jogar com sua imagem, o seu desvelamento ou velamento, é responsabilidade e ato de um psicanalista, cuja extra-territorialidade do desejo é marca de uma psicanálise. Acredita-se que isso, até por sua forma oculta de operação, pode ser um modo de fazer a psicanálise em um local público e em instituições, mediante táticas de semblante, justo pelo poder de equivo-car o valor de mercadoria a que se associa uma consulta de especialista.

As táticas de manutenção do desejo do psicanalista nas instituições de saúde, bem como os desafios inerentes, são análogos à própria formulação de uma psicanálise: uma exigência de trabalho subjetiva que só engendra sua via ética por considerar o caso a caso.

Conforme pudemos ver junto aos autores comentados, consiste um ato analítico autorizar-se a oportunizar encontros com o contingencial, sabendo que o trabalho com semblante é uma reconhecida tática para isso. Caberia isso como elemento no trabalho da psicanálise com instituições de saúde pública no Brasil?

Referências

- BRASIL. Lei 8080, de 1990. Brasília, DF, 19 de setembro de 1990.
- _____. Ministério da Saúde. Portaria 2488, de 21 de outubro 2011.
- LACAN, J. (1966). Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano. In: _____. *Escritos*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 1998, p. 807-842.
- _____. (1959-1960). *O Avesso da Psicanálise (Seminário XVII)*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 2007.
- _____. (1960-1961). *A transferência (seminário VII)*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2010.
- _____. (1973-1974). *Les Non-Dupes Errant (Seminário XXI)*. Recife, [s.n.], [s.d.].
- OURY, J. (1985) *O Coletivo*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- PACHECO FILHO, R. A. O Capitalismo Neoliberal e seu Sujeito. *Rede de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal, Sistema de Informação Científica, Periódico, Mental*, vol. II, n. 4, p. 153-171, 2005. Disponível em: <<http://www.re-dalyc.org/articulo.oa?id=42000411>>. Acesso em: 22 set. 2014.
- RABINOVICH, D. S. *El Deseo del Psicoanalista: Libertad y determinación en psicoanálisis*. 1a. ed. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1999.
- RINALDI, D. (2008). O Desejo do Psicanalista no Campo da Saúde Mental. Problemas e Impasses da Inserção de um Psicanálise em um Hospital Universitário. In: RINALDI, D. L. e JORGE, M. A. C. (orgs.). *Saber, Verdade e Gozo*. Rio de Janeiro: Editora Rios Ambiciosos, 2002, p. 53-69. Disponível em: <<http://www.intersecca-opsicanalitica.com.br/doris-rinaldi/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

Recebido em 15/12/2014; Aprovado em 20/1/2015.